

PROCESSOS METONÍMICOS/MERONÍMICOS EM NARRATIVAS AFILIADAS AO LENDÁRIO AMAZÔNICO

METONYMIC/MERONYMIC PROCESSES IN NARRATIVES AFFILIATED TO THE AMAZON LEGEND

Heliud Luis Maia Moura¹
Universidade Federal do Oeste do Pará

RESUMO

Meu objetivo, neste artigo, é analisar processos metonímicos/meronímicos constitutivos de narrativas afiliadas ao universo do lendário amazônico, compreendendo, nesses relatos, a construção sociocognitiva e cultural de 4 (quatro) personagens temáticos: Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira. Tomo como referencial teórico as postulações de Marcuschi (2007), Mondada e Dubois (2003), Koch (2004), Dubois et al (2007) e Moura (2013), para esses autores, sob diferentes perspectivas teóricas, os processos metonímicos/meronímicos, construtores das atividades referenciais em estudo, reconstituem sentidos pressituados, ancorados em objetos simbólicos específicos, particularmente os que são mobilizados nas diversas sociointerações em que esses artefatos textuais operam. O *corpus*, no qual consta os 4 (quatro) excertos em análise, é constituído de 13 (treze) números da revista Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia, de autoria do escritor paraense Walcyr Monteiro. As análises realizadas reafirmam as hipóteses segundo as quais os processos metonímicos/meronímicos são resultantes de atividades sociocognitivas e cognitivo-culturais mobilizadas na construção das narrativas em questão, sendo que as relações parte-todo e vice-versa não operam em nível de estabilização e isomorfia, mas são produto de reconstruções, via linguagem, de significações veiculadas no contexto em que essas histórias são contadas, precisamente no que diz respeito a significações atreladas a elementos constitutivos do lendário amazônico.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística textual; referenciação; processos metonímicos/meronímicos.

ABSTRACT

My objective in this article is to analyze metonymic/meronymic processes that are constitutive of narratives affiliated to the universe of the legendary amazonian, including, in these reports, the sociocognitive and cultural construction of 4 (four) thematic characters: Boto, Cobra, Matintaperera and Curupira. As a theoretical reference, the postulates of the metonymic/meronymic processes are presented by Marcuschi (2007), Mondada and Dubois (2003), Koch (2004), Dubois et al (2007) and Moura (2013), builders of the referential activities under study, reconstitute prescribed meanings, anchored in specific symbolic objects, particularly those that are mobilized in the various socio-interactions in which these textual artefacts operate. The corpus, in which the four (4) excerpts are analyzed, is composed of 13 (thirteen) numbers of the magazine Visagens, Amazonas and Encantamentos da Amazônia, authored by the writer from Paraguay, Walcyr Monteiro. The analyzes carried out reaffirm the hypotheses according to which the metonymic/meronymic processes are the result of sociocognitive and cognitive-cultural activities mobilized in the construction of the narratives in question, being that the relations part-whole and vice-versa do not operate in the level of stabilization and isomorphism, but they are product of reconstructions, through language, of meanings conveyed in the context in which these

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Docente efetivo do Curso de Letras e do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste de Pará. E-mail: heliudlmm@yahoo.com.br

stories are told, precisely in what concerns to significations tied to constitutive elements of the legendary amazon.

KEYWORDS: Textual linguistics; referral; metonymic/meronymic processes.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo² é analisar processos metonímicos/meronímicos ligados à construção de entidades afiliadas ao universo do lendário amazônico, considerando o fato de que esses processos se constituem como participantes das narrativas em estudo e considerando também que tais entidades apresentam-se (re)construídas pelo produtor na atividade textual. O *corpus*, no qual consta os excertos em análise, é constituído de 13 (treze) números da revista *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, de autoria do escritor paraense Walcyr Monteiro. Estes números foram produzidos entre os anos de 1997 e 2004 e tematizam sobre histórias de Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira, assim como acerca de assombrações e visagens. Os números da citada revista foram publicados pela Editora Smith – Produções Gráficas, na cidade de Belém-PA. As histórias são (re)criações do autor e estão ancoradas no universo sociodiscursivo e cultural amazônico.

Dada a presença dos processos metonímicos/meronímicos nas narrativas estudadas, analiso a forma como estes atuam, consoante pressupostos sociocognitivos e culturais, em determinadas expressões, de modo a reconstituírem ou indiciarem referentes situados no contexto em que tais histórias circulam, a partir dos quais o produtor textual opera ressignificações relativas a personagens, situações e eventos específicos do(s) contexto(s) em que esses relatos são veiculados. Para as análises realizadas, tomo como referencial teórico as proposições de Marcuschi (2007), Mondada e Dubois (2003), Koch (2004), Dubois et al (2007) e Moura (2013), para os quais, em diferentes ângulos teóricos, os processos metonímicos/meronímicos, constitutivos das atividades referenciais, “reelaboram” sentidos pressituados concernentes a objetos simbólicos específicos, particularmente aqueles mobilizados nas diferentes sociointerações em que esses artefatos textuais operam.

Os excertos em análise são relativos a 4 (quatro) histórias, expressando, do ponto de vista qualitativo/representativo, um percentual significativo dos processos em estudo, compreendendo que estes atuam de forma específica no *corpus* sob investigação, o que concede às interpretações e/ou projeções aqui apontadas um caráter *sui generis*, tendo em conta as especificidades textual-discursivas inerentes as narrativas estudadas.

1. Bases teóricas

A referenciação tem tido um *status* privilegiado no âmbito dos estudos da linguagem precisamente nos estudos da cognição e da sociocognição. Tais estudos alicerçam-se na ideia que as construções simbólicas encampando-se, nessa perspectiva, a linguagem verbal são resultados de interações socioculturalmente situadas, (re)construtoras de processos históricos. Considerando essa noção, postulo que as atividades referenciais, mediadas pela linguagem, incorporam processos sociocognitivos alicerçados em estruturas de conhecimento ligadas às vivências sociointerativas dos sujeitos, consequentes dos tipos de contexto em que esses sujeitos mobilizam-se e se inserem.

² Este artigo é parte da minha tese de doutorado, defendida, em 2013, no Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Anna Christina Bentes da Silva.

Diante do exposto e tendo em conta a forma como os processos referenciais atuam na reconstrução do universo biossocial e cultural, observemos como Koch (2004) se coloca em relação ao fenômeno da referenciação, ao afirmar que

a referenciação constitui, assim, uma atividade discursiva. O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material lingüístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização de sua proposta de sentido (Koch, 1999, 2002). Isto é, os processos de referenciação são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer. Os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade extralingüística, mas (re)constróem-na no próprio processo de interação. Ou seja: a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural.

Assim sendo, defendemos a tese de que o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção. Como dissemos, todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada (memória discursiva, modelo textual), “publicamente” alimentada pelo próprio discurso (Apothéloz & Reichler-Béguelin, 1999), sendo os sucessivos estágios dessa representação responsáveis, ao menos em parte, pelas seleções feitas pelos interlocutores, particularmente em se tratando de expressões referenciais. (KOCH, 2004, p. 61).

De acordo com o que foi postulado pela autora, posso afirmar que a referenciação constitui um conglomerado de estratégias por meio das quais damos sentido ao mundo biossocial, não só reconstituindo-o por nossas interações, mas imprimindo outras significações ao que já está significado, de forma a desconstruir-se, refutar-se, anular-se ou acrescentar-se sentidos que se façam necessários a essas interações – permeadas pela contradição, pelos paradoxos, desacordos – constitutivos das experiências humanas em suas diferentes dimensões, planos e estágios.

As teorizações sobre as estratégias concernentes à construção de quadros referenciais incluem as relações metonímicas/meronímicas. Essas relações aportam significados contingenciais e indiciários de referentes veiculados no contínuo tópico-temático dos textos, ao mesmo tempo que estão atreladas a significações de caráter contextual e/ou pragmático. Levando em conta a importância dessas relações, indico aqui a definição de Dubois et al (2007) sobre a metonímia:

De um modo geral, de acordo com a etimologia, a *metonímia* é uma simples transferência de denominação. A palavra é reservada, todavia, para designar o fenômeno lingüístico pelo qual uma noção é designada por um termo diferente do que seria necessário, sendo as duas noções ligadas por uma relação de causa e efeito (a *colheita* pode designar o produto da colheita e não apenas a própria ação de colher), por uma relação de matéria a objeto ou de continente a conteúdo (*beber um copo*), por uma relação da parte ao todo (*uma vela no horizonte*). (DUBOIS et al, 2007, p. 412)³.

Embora os conceitos de metonímia e meronímia possam ser tomados como correlatos, a primeira diz respeito a relações mais amplas, como causa e efeito, relação de matéria a objeto, de continente a conteúdo, de parte pelo todo e outras, constituindo uma espécie de fenômeno mais complexo e heterogêneo. No entanto, no que concerne propriamente à meronímia, a acepção parece voltar-se mais especificamente para as relações parte-todo, mesmo que tais relações recubram subrelações ou subprocessos associados ao fato de que um elemento pode indicar, indiciar ou expressar a ideia do todo, seja por extensão, efeito ou substituição deste.

Tendo em conta as correlações brevemente explicitadas, podemos dizer que os sentidos implicados nas relações metonímicas/meronímicas possam ser tomados como intercambiáveis, particularmente quando da compreensão dos processos referenciais. Desse modo, na condução

³ As palavras em itálico são grifos do autor.

das atividades referenciais, os usos metonímicos/meronímicos estão diretamente associados ao tipo de atividade textual em implementação. Logo, por essa perspectiva, é possível postular que esses usos estejam associados:

- (i) a processos sociocognitivos ligados ao modelo do mundo textual;
- (ii) à estruturação semântico-discursiva ligada ao gênero de texto;
- (iii) ao domínio discursivo a que este gênero de texto está atrelado;
- (iv) ao modo como o escritor se utiliza de certos recursos textual-discursivos, os quais podem estar em consonância com a experiência sociocultural de uma determinada comunidade ou cultura.

Com base nos pressupostos acima delineados, podemos consignar, mediante as proposições de Marcuschi (2007) que

interpretações de usos metafóricos, metonímicos, analógicos, associativos e outros não se esgotam em relações lógicas nem em comparações prototípicas, mas consideram a língua como fator base interagindo com a experiência sociocultural dos indivíduos entre outros aspectos. (MARCUSCHI, 2007, p. 102).

Como recursos simbólicos, os elementos partitivos que ativam anaforicamente unidades semânticas mais completas ou inteiras têm a função de reconstruir, em termos de progressão referencial, não só itens necessários à continuidade do fluxo informacional requerido pelo texto, mas, sobretudo, de reatualizar unidades de sentido que se prestam a uma melhor caracterização ou qualificação de referentes já introduzidos no cotexto, proporcionando uma agilização e/ou dinamização do processo referencial.

Assim, ao colocar em pauta o papel das relações metonímicas/meronímicas na construção dos processos de referenciação – entendendo estes como produtores das ações simbólicas/linguísticas acionadas pelas práticas humanas devidamente situadas – atentemos para as palavras de Mondada e Dubois:

A análise conseqüente dos processos de referenciação que participam da constituição de um mundo discretizado, dotado de factitividade e fazendo sentido, transforma radicalmente a questão da referência: no lugar de se referir a uma ordem de mundo ideal e universal e à sua nomeação, tentamos explicitar os diferentes níveis nos quais a referência é produzida pelos sistemas cognitivos humanos, utilizando uma ampla variedade de dispositivos e de restrições, aqueles das línguas naturais. A entrada é o reconhecimento do papel central das práticas linguísticas e cognitivas de um sujeito “envolvido”, social e culturalmente ancorado, assim como da multiplicidade, mais ou menos objetivada, mais ou menos solidificada, das versões do mundo que elas produzem. (MONDADA, DUBOIS, 2003, p. 49).

Mediante o que acima se apresenta, propomos que:

- (i) as expressões metonímicas/meronímicas são instrumentos ou dispositivos linguísticos/simbólicos reconstituidores de objetos culturais, traduzidos em versões textuais características, reconstituintes das experiências sociais humanas globais e específicas;
- (ii) as expressões metonímicas/meronímicas, enquanto recursos textuais e discursivos, operam de acordo com a configuração temático-tópica e semântico-discursiva próprias da natureza da atividade textual em que se inserem;
- (iii) as relações parte-todo promovem uma economia lexical e sintagmática no decurso da progressão referencial e textual, já que unidades inteiras e/ou mais complexas não

precisam ser retomadas no que concerne ao processo de continuidade do fluxo informacional;

- (iv) as unidades anafóricas partitivas não operam uma repetição dos referentes globais que ativam, mas podem realizar estratégias de recategorização de tais referentes;
- (v) as estratégias realizadas por relações metonímicas/meronímicas não são puramente estruturais, mas consequentes de fatores cognitivo-culturais embutidos na tarefa de constituição dos textos orais e escritos.

Com base no exposto, postulo que os processos metonímicos/meronímicos são dinâmicos, instáveis e complexos, estando engatilhados nos contextos mais amplos em que as atividades verbais são construídas. Logo, o produtor textual passa a alterar com significações extensivas e partitivas no âmbito referencial, em que personagens e eventos passam a ser reconfigurados na atividade de construção de textos, configurando-se também, nesses elementos partitivos, uma espécie de economia não só lexical, mas, sobretudo, uma dinâmica no que diz respeito à construção de referentes conduzidos no contexto sociodiscursivo em que esses personagens e eventos são mobilizados.

2. Análise dos processos metonímicos/meronímicos

As atividades de referenciação, estudadas neste trabalho, dizem respeito às relações parte-todo, mais propriamente denominadas de relações metonímicas e/ou meronímicas. Tanto por antecipação como por retroação aos elementos aos quais fazem referência, esse tipo de recurso tem como característica ativar parte das propriedades componenciais ou integrantes de objetos, seres e entidades, ao mesmo tempo que operar como substitutos integrais destes na cadeia referencial/tópica. Cumpre esclarecer, que não faço, neste artigo, uma distinção entre processos metonímicos e meronímicos, tomando-os, portanto, como equivalentes.

No *corpus* em questão, esses operadores metonímicos/meronímicos têm praticamente a mesma função das anáforas indiretas e, muitos deles, constituem de fato essas anáforas. No entanto, devido a sua importância para a construção das narrativas em análise e por considerar relevante apontar uma categoria que seja mais pertinente a alguns casos aí observados, optei por focar em alguns desses processos, observando determinadas ocorrências que, para mim, são mais significativas, levando também em conta a quantidade razoável de tais ocorrências no citado *corpus*.

Dos 04 (quatro) excertos apontados, 03 (três) se referem diretamente à construção de personagens afiliados ao universo lendário em estudo, mostrando alguns de seus aspectos ou facetas no desenvolvimento das atividades de referenciação ou operando como elementos parciais indiciadores desses referentes, tanto no sentido prospectivo quanto retrospectivo. Conforme as análises realizadas após os exemplos, veremos como as metonímias/meronímias têm um papel descritivo-encapsulador no que concerne a algumas propriedades consideradas como centrais para a construção da referência de um determinado ser, objeto ou evento ligado a esses elementos.

É importante também ressaltar que as construções referentes às relações parte-todo, mais especificamente nos casos aqui observados, são, quase sempre, efeitos do modo como o produtor textual concebe ou “elabora”⁴ os personagens e os eventos afiliados ao lendário, no quadro interno das narrativas escritas sob investigação; o que concede a essas descrições e avaliações uma certa singularidade em termos dos artefatos simbólicos e culturais que referendam, sem deixar de considerar, é lógico, sua ligação com o contexto sociocultural em que estão embutidos. Desse

⁴ O significado aqui proposto por “elaborar” (entre aspas) tem propriamente a acepção de construir, do ponto de vista sociocognitivo, os personagens afiliados às construções lendárias em questão. Tal elaboração implica, na verdade, uma reelaboração cognitivo-discursiva de um ente ou objeto já situado no contexto cultural de produção da atividade textual.

modo, as atividades descritas relativas aos processos metonímicos/meronímicos, ligados à construção dos referentes em questão, são relevantes porque evidenciam o papel de estratégias por meio das quais o produtor dessas narrativas transgride e/ou subverte elementos inscritos nas lendas amazônicas.

Vejam-se os excertos em exemplo:

1.

[...] Depois saiu correndo e o Boto pulando n'água, acompanhando, até ela chegar *na casa dela*. Ao *entrar*, já foi com febre alta e dor de cabeça. O mesmo pajé Izibinho, que era avô dela, foi quem tratou. Mas o Boto quase pegou ela também...!

- E aí, seu João, o senhor ficou com medo de tomar banho *no rio* quando via Boto?

- Medo? Eu fiquei foi assombrado... Era difícil eu *ir na beira*, principalmente ao meio-dia e às 6 horas. Nas outras horas, até que eu ia, mas preferentemente acompanhado. Mas minha mãe dizia pra não ir ao meio dia e às 6 horas. Aí eu só ia se fosse com outras pessoas. Só, eu não ia não! Fiquei com muito, muito medo...! (MONTEIRO, 2002, p. 26).

2.

[...] E lá um dia... não demorou muito... quando menos esperavam, eis que uma cobra, tal como o pajé dissera, aparece para a madrinha do menino, bem no meio da sala. Não era uma cobra grande, pelo contrário, devia ter no máximo uns sessenta centímetros. Mas a madrinha, como se estivesse hipnotizada, ficou olhando a cobra atravessar a sala, sair pela porta da rua em direção ao mato da frente e sumir, sem que conseguisse se mexer, quanto mais lançar o pano de batismo do menino em cima *da cobra* e ainda *cortar-lhe o rabo*...

O menino não apareceu até hoje.

Dizem os moradores do local que se encontra encantado, em forma de cobra, no fundo do Rio da Pedreira... (MONTEIRO, 2000, p.18).

3.

[...] Naquele dia, ou melhor, naquela noite distante, os moradores de Campo Baixo, reunidos em ato de fé, realizavam uma ladainha para São Benedito e se locomoviam de um lugarejo para outro, rezando sempre. De repente ouviram o *bater de asas* e, ao olharem para cima, viram ainda um *pássaro de regular tamanho*, com grandes asas semelhantes a ameaçaba (tipo de porta usada no interior feita de palha trançada) como que se atrapalhar e cair na mata, bem em cima de um tucumanzeiro. Quase que a ladainha acaba: todos praticamente correram para ver do que se tratava e, ao chegarem no dito tucumanzeiro, qual a surpresa: lá estava D. Chiquinha, conhecida lavradora do local, toda ferida, gritando muito, pedindo socorro, que a livrassem dos espinhos e das palmas do tucumanzeiro... [...]. (MONTEIRO, 2000, p. 12-14).

4.

[...] Suzy fez uma pausa, procurando reviver o momento.

- Senti muito medo e meus primos também. Era como se estivessem nos olhando, só que não víamos nada nem ouvíamos nada também. Continuamos andando mais devagar. Já não brincávamos nem cantávamos... e de repente, como que saído do nada, lá estava ele...

Suzy descreve o *ser* que viram.

- Tinha mais ou menos um metro e meio de altura; *cabelos lisos*, como os dos índios, só que mais grossos, e iam até a altura dos ombros, eram pretos porém como se estivessem sujos de terra; olhos bem grandes, redondos, pretos e sem a parte branca; *nariz meio chato; a boca normal; a pele...* a pele era assim como que esverdeada, de um verde musgo, e grossa, rugosa, lembrando a casca das árvores; *as pernas e os joelhos* eram normais, porém *os pés* eram voltados para trás... Aí o primo Eraldo gritou:

- É o *Curupira*...!

Suzy desmaiou. [...]. (MONTEIRO, 2002, p. 12-14).

Em 1, observamos que a expressão definida *(n)a beira* funciona como elemento substitutivo e ancorador do referente *(n)o rio*, colocado precedentemente na estrutura textual. Expressões locativas, como esta, carregam propriedades semânticas correlatas ao elemento que retomam, mas não são correferentes pontuais deste, por isso são também classificadas como anáforas indiretas. Por conseguinte, a expressão *ir na beira* atua no co(n)texto discursivo como uma forma que reconstrói a expressão *ir no rio*. Desse modo, é válido postular que os efeitos de sentido produzidos pela própria cadeia referencial que estrutura o texto e o modo como essas relações se encadeiam na atividade verbal fazem com que a expressão *na beira* reconstitua e ative a expressão *(n)o rio*. Nesse sentido, posso afirmar que tipos de meronímias, como as aqui analisadas, funcionem como suportes por meio dos quais a progressão referencial se realiza ou “toma corpo” no quadro tópico que está sendo delineado. Esses suportes ou interconectores sequenciais têm uma certa independência sintagmática e atuam como reativadores indiretos de sentido, mas com itens lexicais diferentes daqueles com os quais estabelecem uma relação de contiguidade.

No excerto 2, ao contrário do 1, o item meronímico *o rabo* não tem essa independência sintagmática e semântica, mas se estabelece, enquanto unidade de sentido, a partir da relação que mantém com o todo (*a cobra*). Enquanto elemento partitivo, também aciona informações adicionais em relação ao antecedente que ativa, colaborando para o dinamismo da progressão referencial. Acrescente-se que essa ativação não é pontual, já que nesse caso, podemos ter também a inserção de novos referentes, como se pode observar neste exemplo.

No que diz respeito ao excerto 3, é o elemento-parte que se antecipa ao todo. Logo, a expressão nominal definida *o bater de asas* ativa um referente que ainda irá ser posto na cadeia textual. No entanto, o que se verifica, aí, é a presença, antes, da forma definida e, só depois, a forma indefinida. Esse tipo de estratégia pode se dar em razão do fato de a própria expressão-parte *o bater de asas* já conter necessariamente um significado um tanto específico ligado a pássaro (ou ave), o que a leva a estar antecipadamente definida no contínuo tópico e que também concorre para a não-definição do todo - forma que representa - a ser inserida prospectivamente, ou seja, do referente *um pássaro de regular tamanbo*, o qual, no sentido contrário, ancora anaforicamente o elemento já definido/especificado, posto anteriormente na estrutura textual. Isto vem a corroborar o fato de que formas meronímicas indicadoras de parte podem vir expressas por sintagmas nominais definidos e, principalmente, antes de formas indefinidas que indicam o todo, o que se configura como significativo no *corpus* relativo às narrativas afiliadas ao lendário, em estudo.

Por fim, no excerto 4, temos uma cadeia de expressões meronímicas que precedem o referente a ser introduzido no texto; este se constitui como principal e totalizante em relação às partes referenciadoras que o antecipam. Essa cadeia meronímica segue uma configuração escalar que vai de elementos mais superiores do corpo até chegar aos mais inferiores, ou seja, os pés, a saber: *cabelos lisos, olhos bem grandes, redondos, pretos; a parte branca; nariz meio chato; a boca normal; a pele; um verde musgo; grossa; rugosa; a casca das árvores; as pernas e os joelhos; os pés; voltados para trás*. Cada elemento ou parte aponta cataforicamente para um aspecto característico ou singular ligado à expressão referencial definida o Curupira, ao mesmo tempo que anaforizam e ancoram a forma nominal e genérica precedente *o ser*, observando-se, nesse co(n)texto, duas direções para as quais as partes descritivas referem. Assim, proponho que objetivo de cada desses elementos-parte é constituir-se como uma espécie de nóculo referencial retrospectivo/prospectivo que, de forma direta ou indireta, indicia o referente temático que é alvo do processo narrativo.

É válido ainda afirmar que cada uma das meronímias, assim como a totalidade do seu conjunto, não constituem descrições únicas, puras e essencialistas em relação ao referente que ancoram, mas constituem tão somente aspectos por meio dos quais a referência do personagem lendário é construída nesses textos. O que é aplicável também às outras expressões meronímicas

analisadas nesta seção, já que estas, de modo similar, referem a entidades afiliadas ao lendário e a eventos ou situações relacionados a essas entidades.

Por outro lado, o uso de meronímias constitui um recurso textual importante nas narrativas em análise, pois entra como um dos instrumentos por meio *dos quais* as entidades supracitadas são construídas ou reconstruídas, observando-se, nesses contextos, os sentidos que carregam e as formas textuais que se prestam à elaboração desses objetos simbólicos.

As construções metonímicas/meronímicas passam a atuar, nos textos sob análise, como formas referenciadoras que estruturam a composição dos entes e situações próprios das narrativas analisadas. As relações parte-todo passam então a formar, nesses textos, um conjunto de referência relevante para a constituição dos sentidos requeridos pela natureza da ação narrativa mobilizada em cada uma dessas histórias, verificando-se, portanto, em tal conjunto, tipos de relações parte-todo (ou vice-versa) que estão associados a um modelo do mundo textual mais ou menos específico, do qual se nutre o produtor do texto para dar forma à atividade discursiva, que está inelutavelmente imbricada aos efeitos sociocognitivos do mundo cultural em que se inscreve/insere.

A tabela, abaixo, mostra as ocorrências de Elementos Metonímicos/Meronímicos presentes nas narrativas sob análise:

Tabela - Processos metonímicos/meronímicos ligados a construção de referentes.

Narrativas referentes aos personagens lendários	Boto	Cobra	Matintaperera	Curupira	Total
Número de Narrativas	04	05	05	03	17
Ocorrências de elementos metonímicos/meronímicos	8	3	15	4	30
Percentual (%)	26,67	10,00	50,00	13,33	100

Fonte: Autor do artigo, a partir de dados apresentados na Revista *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*.

A observação dos dados disponibilizados na tabela mostra o somatório de 30 (trinta) ocorrências de Elementos Metonímicos/Meronímicos, tendo-se, portanto, uma média de 1,76 elementos por narrativa. No que diz respeito aos percentuais, o maior índice ocorre em histórias de Matintaperera, com 50,00% de recorrências. A seguir temos as histórias de Boto, com 26,67%; mais abaixo, vêm as de Curupira com 13,33% e, em último caso, as de Cobra, com um índice de 10,00%.

Embora a quantidade total, desses elementos, não seja tão elevada, é importante apontar para o fato de que existe uma recursividade de tais elementos em todas as 17 (dezesete) narrativas em análise; o que deve ser levado em conta se se considera a abordagem qualitativa inerente a esta pesquisa.

Por outro lado, considerando ainda o nível quantitativo, constatamos que nas narrativas de Matinta aconteceu um número um tanto elevado de ocorrências de Elementos Metonímicos/Meronímicos em cada narrativa referente a esta entidade, com uma média de 03 (três) elementos por história. Isto demonstra que essas narrativas estão mais propensas à ocorrência desse tipo de estratégia. Logo, tendo em conta os aspectos culturais aí envolvidos, é possível dizer que essa recorrência se dê em virtude de um conhecimento já bastante estabilizado ou sedimentado acerca dessa personagem e de suas histórias no universo amazônico; assim, tipos de relação parte-todo, usados para referi-la, passam a constituir uma estratégia antecipatória, recursiva e eficiente no que tange ao seu processo de reconhecimento, desvelamento ou reconstrução no contínuo da

atividade tópica de narrativas lendárias em circulação nesse universo. Portanto, é possível afirmar que, no contexto de tal universo, os elementos metonímicos/meronímicos constituem recursos sociocognitivos e cognitivo-culturais que concorrem para/conduzem à construção dessa entidade, de forma que esta passa a ser reconstituída textual-discursivamente, mesmo que às vezes indiciariamente, por meio da utilização de tais elementos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas de Matintaperera manifestaram o maior índice percentual de ocorrência de elementos metonímicos/meronímicos, com 50,00% de presença de tais estratégias, denotando a intervenção destas na construção desse personagem e de fatos ligados a ele. Diante da quantidade de ocorrências desse tipo de fenômeno, é válido propor acerca da participação fundamental deste para a tarefa de construção das narrativas em que a entidade citada constitui o personagem temático e/ou principal, com implicações sociocognitivas relativas a essa construção. Considerando a totalidade das 17 (dezesete) narrativas analisadas, detectei a presença de aproximadamente 2,00 elementos por narrativa, vindo a confirmar a influência desse tipo de estratégia referencial para a constituição das narrativas integrantes do *corpus* sob investigação.

Conforme os dados apresentaram, as narrativas de Matintaperera foram as que mais tiveram a presença de processos metonímicos/meronímicos em sua configuração textual-discursiva. Isto pode se dar em razão do fato de que essa entidade lendária possui, em sua construção simbólico-discursiva, uma quantidade variada e já bem conhecida de elementos – reconhecíveis estes quase que automaticamente pelo contexto cultural no qual é constituída – daí dispensar, em seu processo referencial, o uso de expressões integrais ou mais extensas que levem à sua identificação e/ou ativação nos textos em que se apresenta como personagem. Justificando, por outro lado, o emprego bastante expressivo das construções metonímicas/meronímicas em questão pelo autor das narrativas analisadas.

Já no que concerne às narrativas de Cobra, os processos em estudo apresentaram-se como baixos, o que pode ser justificado pelo fato de essa personagem não “requerer” tanto, em termos de referenciação, o uso de elementos partitivos que levem à sua identificação e/ou (re)ativação. Nesse caso, os processos que referem ao objeto-de-discurso Cobra primam por uma certa gradiência e integralidade dentro das cadeias referenciais concernentes aos textos das narrativas estudadas. Por conseguinte, no âmbito cultural, também é possível que essa entidade seja referenciada, mesmo considerando os múltiplos e variados processos metamórficos de que é detentora em sua construção simbólica e discursiva, de forma completa, e não por meio de formas indiretas ou indiciárias.

Por fim, é válido concluir, no âmbito deste trabalho, que os processos metonímicos/meronímicos podem ser determinados pelo próprio modo como os objetos-de-discurso relativos aos personagens lendários em questão são constituídos em termos de possibilidade de referência, referência esta já construída ou em construção no universo cultural em que as histórias concernentes a essas entidades circulam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. Construction de la référence et strategies de désignation. In: BERRENDONNER, A; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. (eds). Du sintagme nominal aux objets-de-discours. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1999, pp. 227-71.

DUBOIS, Jean et al. Dicionário de Linguística. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Referenciação: construção discursiva. Ensaio apresentado por

- ocasião do concurso para titular em *Análise do Discurso* do IEL/Unicamp, dez. 1999.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MARCUSHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação*. In: CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MONTEIRO, Walcyr. *Malinação de boto*. In: *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*. 2ª ed. n. 7, Ano III. Belém: Smith – Produções Gráficas. 2002, p. 26.
- _____. *O encantado do Rio Pedreira*. In: *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*. 2ª ed. n. 3, Ano I. Belém: Smith – Produções Gráficas. 2000, p. 18.
- _____. *A ladainha de São Benedito*. In: *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*. Belém. 2ª ed. n. 5, Ano II. Belém: Smith – Produções Gráficas. 2000, p. 12-14.
- _____. *Suzy e o curupira*. In: *Visagens e Assombrações e Encantamentos da Amazônia*. 2ª ed. n. 7, Ano III. Belém: Smith – Produções Gráficas. 2002, p. 12-14.
- MOURA, H. L. M. *Atividades de referenciação em narrativas afiliadas ao universo do lendário da Amazônia: implicações sociocognitivas e culturais*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Recebido em 23/02/2017

Aceito em 01/08/2017

Publicado em 29/08/2017